

Os artistas das flores e jardins

DA REDAÇÃO

As mãos são calejadas. As maçãs do rosto avermelhadas e ressecadas indicam o desgaste da pele provocado pelo sol. O uniforme sujo revela um dia de trabalho árduo. Eles suportam o calor intenso e um expediente inteiro de atividades braçais para dar mais beleza à cidade. Gente simples, os jardineiros da Companhia Urbanizadora da Nova Capital (Novacap) cuidam dos canteiros multicores, verdadeiros oásis na paisagem cinza desta época do ano.

Eles "assinam" a beleza dos canteiros espalhados pela cidade. Para deixar os jardins floridos, seguem todo um ritual: preparação do solo, fertilização, nivelamento do terreno, plantio e manutenção — dia sim, dia não. Da sementeira até a fase de flor, levam até 40 dias.

São 160 mil metros quadrados de canteiros, o equivalente a 27 campos de futebol cheios de flores. E todo o trabalho de adubação e plantio é feito pelas mãos dos 184 jardineiros da Novacap, segundo estimativa do Departamento de Parques e Jardins. Manuel Batista, 53 anos, faz parte dos bastidores da beleza viva de Brasília. Conhece pouco o mundo das letras, mas é mestre no ofício da jardinagem. Na equipe de doze pessoas, ele é o que está há mais tempo na profissão — 21 anos. A experiência dele é uma fonte de consulta para os mais novos, e nome de respeito entre os colegas.

Manuel está nas áreas ajardinadas muito antes da criação dos canteiros ornamentais, em 1990. Nos braços, as marcas do sol são evidentes. Ainda assim, não abre mão do trabalho. "É bom demais ver tudo florido e as pessoas admirando."

Na semana passada, ele e mais onze colegas passaram dois dias no canteiro entre o Teatro Nacional e a Rodoviária do Plano Piloto. Manuel capinou pedaço por pedaço da área destinada aos cuidados dele. Uniforme laranja e boné velho na cabeça, ajudou a revirar a terra para remover as raízes. Realizou a tarefa como se fizesse carinho no solo. Trabalhou com pás, picaretas, enxadas. Esturricou a pele no sol.

Jornada

Os jardineiros da Novacap começam o dia antes das 6h. Precisam chegar à sede da empresa às 7h40. Cada um tem seu grupo. Por volta das 8h, um ônibus leva a equipe ao local de trabalho. Pode ser em uma quadra do Plano Piloto, perto da Rodoviária, dentro da Parque da Cidade, próximo ao Eixão. Não há ponto fixo. Ao desembarcarem, procuram uma sombra para deixam

mochilas, casacos e a garrafa térmica com água. E mãos à obra, até as 16h.

Dentro do trabalho há espaço para os momentos de lazer. Eles contam piadas, jogam dominó e baralho depois do almoço, das 11h45 às 13h. Tem até quem tire um cochilo. Solidários, chegam a dividir a marmita com o colega que não levou comida. Ajudam uns aos outros quando precisam ir ao banheiro — um problema para a maioria. Como trabalham na rua, procuram um local discreto. Quando estão perto de empresas ou prédios, fazem amizade com os porteiros para usar o banheiro. Às 16h, o ônibus leva os jardineiros de volta à Novacap.

Caçula da turma de Manuel, Ubiratan Miranda dos Santos, 25, largou o emprego de vendedor de móveis para trabalhar com jardinagem, desde que passou no concurso da Novacap, em 1998. Profissional dedicado, gosta de trabalhar ao ar livre e de estar todo dia em um lugar diferente. Já plantou tantas árvores e mudas de flores que perdeu as contas. Pelo serviço, recebe pouco mais de R\$ 500.

O responsável pela Conservação de Áreas Arborizadas e Ajardinamentos de Residência Oficiais, Altair Gonçalves, diz que, apesar de a maioria dos jardineiros não ter formação universitária, eles recebem conhecimento de engenheiro agrônomo. E assimilam rapidamente. "Quando chegam na empresa, aprendem técnicas de poda, adubação, implantação de muda, irrigação e combate aos insetos." Ficam sabendo também que espécies são mais adaptáveis aos diferentes períodos do ano e como plantá-las.

Os prediletos

Ubiratan, o ex-vendedor, prefere a adália sortida. O canteiro fica multicolor. Dá flor vermelha, branca, púrpura e amarela. Seu Manuel também gosta delas. Se a espécie é unanimidade entre os colegas, todos ficam divididos ao apontar o canteiro mais bonito. Na opinião dos jardineiros, o do balão do Torto e o do Aeroporto são os que mais revelam a beleza do trabalho deles. "Eles são maiores, cabem mais flor", explica um dos jardineiros. E, por esse motivo, são os mais trabalhosos.

As adálias sortidas não têm muita vez nesta época do ano. Quando a seca castiga o Planalto Central, a preferência é das mudas de camomila, petúnia, flocus, sálvia e tagete. Resistentes ao calor, duram de 90 a 180 dias. Além das flores, os jardineiros plantam grammas, árvores e arbustos. Fazem também a manutenção, que inclui poda e rega manual.

Ronaldo de Oliveira



MANUEL BATISTA É UM MESTRE NA ARTE DA JARDINAGEM. ESTÁ HÁ 21 ANOS NA PROFISSÃO E SE ORGULHA DOS JARDINS QUE AJUDA A MANTER COLORIDOS

EM BOAS MÃOS

Ronaldo de Oliveira



Equipe de elite

Enquanto a maioria dos jardineiros passa o dia nas ruas, Márcia Aparecida dos Santos (foto), 41 anos, leva praticamente uma vida de *marajá*. Ela faz parte do seletivo grupo que trabalha nos jardins da residência oficial do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, na Granja do Torto. Gente que é escolhida pela disciplina, assiduidade no serviço, bom comportamento e entrosamento com os colegas. Lá, os jardineiros recebem tratamento bem diferente daqueles que ficam espalhados pelo Plano Piloto. A equipe *ilustre* recebe café da manhã com direito a frutas, almoço e banheiro exclusivo com chuveiro. Ainda dá para trabalhar na sombra, dependendo do jardim. "É bom demais. Uma vez, eu até vi o presidente de perto", conta Márcia Aparecida.

Carlos Moura



Longe das plantas

Aldenora Duarte, 59 anos, espera exatos 405 dias para a aposentadoria. Ela entrou para a Novacap em 1977, ajudou a fazer o plantio de grama nas quadras do Plano Piloto. Passou 15 anos na Residência Oficial do Torto. "A gente arrancava grama, pegava na enxada, revirava o adubo e preparava a terra igual homem", lembra. De tanto pegar no pesado, foi afastada dos jardins. O médico deu o laudo: desvio na coluna. As dores incomodavam. Aldenora precisou abandonar as flores, sua grande paixão. Tem centenas delas em casa, em Samambaia, e uma plantinha em cima da mesa da sala onde trabalha há cinco anos. As mãos calejadas aprenderam a manusear os arquivos da empresa. Aldenora teve que trocar os canteiros pelo arquivo do Departamento de Recursos Humanos. "Morro de saudades quando vejo um canteiro. São lindos."